



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Fevereiro

Nº 422

A EPOPÉIA DA TOMADA DE MONTE CASTELLO PELA FEB - 21 Fev 1945, HÁ 78 ANOS -

(Fonte: GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. Porto Alegre: Renascença, 2020, p. 136/142, transcrição)

19 Fev 1945 - Início da nova fase da Operação (ou Plano) Encore, do IV Corpo de Exército (até 06 Mar), para eliminar todas as resistências inimigas ao longo do divisor Reno-Panaro, além de retirar os observatórios alemães sobre a Rodovia 64, criar melhores condições de prosseguir para o Norte e conquistar Bolonha. A conquista de Monte Castello fazia parte do Plano Encore, sendo que o diferencial em relação às tentativas anteriores “era a direção geral do ataque, que deixava de ser frontal e passava a buscar os flancos das posições alemãs” (DPHCEX, 2015, p. 12).

- Estabelecido um PC Avançado da 1ª DIE em Gadelle e um PO em Salgastrì, abertos às 2100 h. Às 0900 h, o Cmt do 1º RI, Cel Caiado de Castro, assume o comando do seu sub-setor (Idem, p. 363).

- Desencadeada a ofensiva do IV Corpo em ação noturna às 2300 h com a 10ª DMth apoiada pelo II/11º RI (Btl Ramagem) em ação diversionária, sem preparação de artilharia. A ação partiu da linha Querciola-Gabra com dois RI em 1º escalão sobre Monte Serraccicio-Cappel Busio-Pizzo de Campiano. O ataque foi de completo êxito, surpreendendo os alemães (Ibidem).

- O I/1º RI (Btl Uzeda) recebe a seguinte missão para 21 Fev: Ultrapassando a 10ª Div Mth na região de Mazzancana e em íntima ligação com esta unidade conquistar as alturas de Fornace 875; após investir sobre a crista ao sul do Fosso del Malandrone, para coadjuvar o 3º Batalhão na conquista de Monte Castello, esforçando-se por neutralizar as resistências inimigas na região de cota 977, desta elevação. Ordens posteriores regularão seu emprego futuro (Uzeda, 1952, p. 94/95).

- O III Btl do 1º RI (Btl Franklin) recebe a seguinte Missão: Beneficiando-se da ação do I/1º RI a W e em íntima ligação com o II/11º RI **conquistar Monte Castelo**, com esforço na direção Le Roncole - 887, atingindo 02. Durante a conquista de 03 manterá a posse de Monte Castelo, e apoiará a progressão da Unidade

que tiver de conquistar La Serra. Seus morteiros devem estar em condições de apoiar o I Batalhão na conquista de 01 e cooperar na conquista de 03 (Idem).

20 Fev 45 – Pela manhã, o Gen Mascarenhas chega a C. Gabelle, a quatro Km de Monte Castello, onde instala o seu PO para o ataque.

- Ao clarear da manhã (0530 h): conquista dos Montes Belvedere e Gorgolesco, este às 0600 h, com sérias dificuldades em face dos contra-ataques, pela 10ª DMth NA. O inimigo esgotou as suas reservas nestas ações. Para a conquista de Gorgolesco houve o concurso de CC e de Art, inclusive a do Gen Cordeiro de Farias. Às 1537 h, os NA cerram sobre a linha Cota 1053-Mazzancana-Cappela de Ronchidos. Os aviões da FAB arrasam a resistência alemã em Mazzancana, preparando a ação de ataque ao Monte Castello no dia seguinte.

- Mazzancana foi conquistada às 1700 h, o que muito facilitou o ataque brasileiro. Ficou aberta a via de acesso a Monte Castello.

- Às 1000 h começou a ação diversionária do II/11º RI (Ramagem) no chamado Corredor de Abetaia.

- Às 1530 h começaram as ações previstas na OGO nº 20/DIE, ou seja, ultrapassar os americanos em Mazzancana e partir para o objetivo nº 1: Cota 875-Fornace.

- Entre 1700 e 1800 h o I Btl (Uzeda) e o III Btl (Franklin) do 1º RI tomaram o dispositivo de ataque (Brayner, 1968, p. 354). Às 1730 h o III/1º RI desloca-se para a ZReu em Gambaiana-Le Roncole-Cá di Berto. À noite, o Cel Caiado de Castro solicita autorização para antecipar o ataque, tendo em vista a informação (falsa) de que os alemães estariam abandonando Monte Castello; não foi autorizado.

- A OPO nº 33 determina ao 1º RI a substituição da 10ª DMth às 2000 h em Mazzancana.

- O Complemento nº 4 da OGO nº 20 fixa o ataque para as 0530 h de 21 Fev (Brayner, 1968, p. 364).

- Os batalhões do 1º escalão de ataque ocupam, de 2330 h de 20 às 0350 h de 21, as regiões de C. Vitelline, Ponto 744, Ponto 779, Ponto 718 e Fornace em preparação para o ataque do dia seguinte.

- O II/1º RI (Maj Syzeno) ocupa La Grilla.

- Morre o padre Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, capelão do 11º RI, em lamentável acidente de tiro protagonizado por um partigiani em Bombiana (Castello Branco, 1965, p. 346).

- Assume o comando de um Pel Fzo em Guanella, sopé do Monte Castello, o então Asp Francisco Mega.

21 Fev 45 - Terceiro ataque brasileiro a Monte Castello, a partir da linha Mazzancana-Corazza-Gambaiana-Le Roncole às 0530 h. Ao mesmo tempo, os norte-americanos atacam Monte Della Torracia.

- Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI – Regimento Sampaio, do II/11º RI (Maj Ramagem), toda a Art/1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esqd Rec. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Cel Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros “prosseguiam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio, o que assinalaria o término da 1ª fase” (Moraes, 1947, p. 136).

- O ataque foi conduzido da maneira a seguir descrita.

- A 1ª Cia do 9º Btl de Engenharia da FEB consegue levantar do terreno do ataque 169 minas de diversos tipos e 51 armadilhas diversas. A 2ª Cia apoiou o ataque do II/11º RI levantando minas e armadilhas no eixo Falfare-Abetaia e mantendo as estradas em pleno tráfego. A 3ª Cia construiu uma ponte Bailey em La Grilla e outra em Gambaiana. A Cia A do 235º Batalhão de Engenharia NA construiu uma ponte Bailey em Crociale e a 1029 Cia Tw cumpriu suas construções de pontes Bailey com extraordinária precisão. O 9º BE perdeu o Sgt Luiz Ribeiro Pires em Abetaia, heroicamente tombado (Simões, 1967, p. 115).

- Descrição do ataque:

- Ação principal: 1º RI, na direção Gaggio Montano-Monte Castello-La Serra com o ataque frontal, pelo centro, a cargo do III Btl (Maj Franklin Rodrigues de Moraes) e suas 7ª, 8ª e 9ª Cias Fzo. Pelo flanco esquerdo o I Btl (Uzeda). Este, teve a missão de conquistar Fornace. Suas Cia Fzo eram comandadas: a 1ª, pelo Cap Everaldo José da Silva; a 2ª, pelo Cap Edson Ramalho; e a 3ª, pelo Cap Yeddo Jacob Blauth. Reserva do 1º RI: II Btl - Btl Sizeno Ramos Sarmiento, com as suas Cias Fzo 4ª, 5ª e 6ª.

- Ação secundária: II/11º RI. Reserva: II/1º RI. Reserva divisionária: III/11º RI.

- Às 1430 h o Btl Uzeda conquistava as cotas 930 e 875, ultrapassando as posições inimigas de Congé. Neste mesmo horário, depois de ter ficado detido em sua ZAç, o Btl Franklin conquistou Fornello. Enquanto isso, o Btl Ramagem atuava em Abetaia.

- Por volta de 1500 h uma Cia Fzo norte-americana abriu fogo por engano contra uma Cia Fzo do I/1º RI matando um soldado brasileiro.
 - Às 1720 h “a defesa inimiga entrou em colapso” (Moraes, 1947, p. 141). A 10ª DMth não consegue tomar Monte della Torraccia.
 - O Btl Uzeda foi o primeiro batalhão a chegar ao cume de Monte Castello às 1800 h através do Pelotão do Ten Aquino, da 1ª Cia Fzo (I Btl), juntamente com a Cia Waldir do Btl Franklin. “A conquista se efetuará pelo desbordamento” (Uzeda, 1952, p. 112).
 - Imediatamente foram realizadas as operações de limpeza e o 1º RI entrou em posição defensiva. Uma parte do efetivo alemão retraiu, outra parte morreu e outra se entregou como PG.
 - Conforme o Gen Ventura, as primeiras tropas a alcançar o cimo de Monte Castello às 1800 h foram uma Cia Fzo (Cap Everaldo) do I/1º RI (Btl Uzeda) e outra (Cap Paulo de Carvalho) do III/1º RI (Btl Franklin) (Pinto/Medeiros, 2003, p. 126). Morreu em combate o 1º Ten Godofredo da Cerqueira Leite, Cmt do Pel de Petrechos da 3ª Cia do I Btl do 1º RI, juntamente com o seu ordenança. A 3ª Cia era comandada pelo Cap Yeddo Jacob Blauth.
 - Conforme o Gen Mascarenhas, sobre Monte Castello: “Sua captura era uma tarefa de consciência e um imperativo da dignidade militar. Essa cidadela da presumida invencibilidade alemã representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente” (Moraes, 1947, 142).
 - Número de baixas brasileiras: 103.
 - Conforme o Cel Manuel Thomaz Castello Branco (1960, p. 520): “Das poucas missões de apoio imediato cumpridas pelo 1º Grupo (de Caça), ainda nesta época, destaca-se a magnífica colaboração prestada à conquista do maciço Monte Belvedere-Monte Castello- Monte della Torraccia [...]. Lembramo-nos perfeitamente dos ataques picados realizados contra resistências inimigas na Cappela di Ronchidos [...]”.
- Conforme o CPDOC/FGV: “participaram da conquista de Monte Castelo a 10ª Divisão de Montanha norte-americana, a artilharia brasileira, o 1º Regimento de Infantaria brasileiro (Regimento Sampaio), comandado pelo coronel Caiado de Castro, e a Força Aérea Brasileira. O plano da operação foi elaborado pelo tenente-coronel Humberto Castelo Branco e consistia em um ataque sob a forma de duas pinças, sendo que a da esquerda arpoaria desde o início o flanco direito inimigo, e a da direita investiria frontalmente. Monte Castelo foi conquistado a 21 de fevereiro, seguindo-se a conquista de La Serra, na madrugada de 23 para 24, e, horas depois, a tomada de Monte della Torraccia pelos norte-americanos”.

22 Fev 45 - Por volta de 0230 h o baluarte de Abetaia era dominado pelo II/11º RI (Btl Ramagem). Os norte-americanos conseguem conquistar Monte Della Torraccia com a cooperação e o apoio de fogo da 1ª DIE. O inimigo não conseguiu contra-atacar, sendo que duas Cias do RI 1043 simplesmente debandaram em face da “superioridade material” dos NA e brasileiros (Waack, 2015, p. 233).

- Ao Btl Franklin do 1º RI é expedida a ordem de lançar Postos Avançados (PA) entre as posições conquistadas e as inimigas, ou seja, em La Serra e cota 958. Para isso, o Btl ocupa Monte della Caselina com o Pel do Ten Antonio Candido Tavares Bordeaux Rego, da 7ª Cia Fzo (Carvalho, 1952, p. 113).
- Nesta jornada, “buscando dar sepultura condigna aos nossos mortos, o Reverendo João Filson Sorén, do 1º RI, iria desvendar o impressionante quadro, macabro e heroico, dos '17 de Abetaia” (Idem).
- O Gen Crittenberger elogia por escrito em documento oficial o Cmt e todos os oficiais e praças da 1ª DIE pela conquista do maciço Belvedere-Castello.

%%%

O estado novo foi fruto de um fake

<https://www.institutodeengenharia.org.br/site/2021/11/10/80-anos-do-golpe-de-estado-de-1937/>

*José Eduardo Cavalcanti**

Neste mês de novembro, ao transcurso do 82º aniversário (2019) da decretação do Estado Novo por força de um golpe de estado perpetrado por Getúlio Vargas, então chefe de um governo provisório, é útil abordar de forma clara os antecedentes de uma grande farsa revelada anos depois que levaram o Brasil a experimentar uma ditadura que permaneceu por 15 anos até que Getúlio fosse deposto em 1945.

À época emergiam duas candidaturas à presidência da República no cenário político nacional: José Américo de Almeida e Cristiano Machado. Ambas desafiavam os anseios continuístas de Vargas e os acontecimentos políticos que se sucederam serviram de pretexto para que elas fossem abortadas e um novo regime emergisse.

Em 1937, o Capitão Olímpio Mourão Filho, (o mesmo oficial que, como General, comandou as tropas que partiram de Juiz de Fora dando início à Revolução em 1964) simpatizante do integralismo, elaborou secretamente um documento, a pedido de Plínio Salgado então dirigente da Ação Integralista Brasileira (AIB) que apoiava Getúlio, simulando uma insurreição comunista objetivando derrubar o presidente Vargas por meio de uma intentona.

No entanto, tal documento era apenas para ser usado no âmbito interno da AIB exclusivamente para fins de estudo como revelou anos mais tarde o próprio General Mourão.



Porém, este documento acabou caindo indevidamente nas mãos da cúpula das Forças Armadas vindo a calhar para os propósitos golpistas de Vargas. Foi imediatamente divulgado sendo lido através do programa radiofônico Hora do Brasil (atual Voz do Brasil) pelo General Góes Monteiro, então chefe do Estado-Maior do Exército, batizado por ele como "Plano Cohen" (em alusão ao líder comunista húngaro Bela Cohen).

No dia seguinte ao deste pronunciamento, o presidente mais do que depressa solicitou ao Congresso Nacional a decretação do Estado de Guerra o que permitiu ao Governo iniciar uma intensa perseguição aos comunistas e a opositores a fim de debelar a "ameaça vermelha".

Em 10 de novembro, a ditadura do Estado Novo estava implantada. Semanas depois o exército fechou o Congresso e uma nova Constituição preparada por Francisco Campos foi outorgada à nação.

Embora alguns generais de alta patente tivessem participado desta trama, a bem da verdade, deve-se dizer que nem todos os oficiais generais em postos de comando estavam de acordo com aquela manobra eminentemente política a qual só se efetivou com a absoluta omissão do então Ministro da Guerra General Eurico Gaspar Dutra.

Uma carta pessoal enviada ao Ministro da Guerra pelo General José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, então comandante do Distrito de Artilharia de Costa, espelha o pensamento da grande maioria da oficialidade do exército brasileiro frente a toda àquela situação (transcrição em texto corrido):

Rio, 9/11/1937 - Exmo. Sr. Ministro da Guerra

Respeitosas saudações

V. Excia teve a bondade de esclarecer-me sobre as intenções do Governo no atual momento político. Segundo estes esclarecimentos, as duas candidaturas presidenciais seriam abandonadas e substituído o atual regime político por outro de feição diversa, e ao que pude perceber, de caracter integralista. De fato, seriam dissolvidos os atuais ramos do poder legislativo e substituído por uma câmara corporativa, continuando o atual Presidente no Governo por tempo não fixado ainda. V. Excia. esclareceu-me mais, que tal transformação seria feita pelos órgãos representativos da nação concretizados nos atuais Governadores, exceptuados dois ou três que seriam substituídos, e entre eles o da Bahia que falava mesmo em resistir. Caberia a iniciativa ao Governador de Minas Gerais, que já havia mesmo dirigido uma consulta à quasi todos os Governadores. Quanto à S. Paulo esperava-se que as negociações estabelecidas chegassem a bom termo. V. Excia fez-me sentir que o exército se alheava do movimento e que acataria as deliberações dos representantes do povo manifestadas, na opinião de V. Excia., com legitimidade nas pessoas dos Governadores já referidos. V. Excia manifestava-se favoravelmente ao movimento porque reconhecia na atual Constituição uma completa incapacidade para permitir o exercício da autoridade, e por outros motivos poderosos. Pela minha parte, declarei à V. Excia. que não podia considerar o Exército alheiado desse movimento – verdadeiro golpe de estado em perspectiva, não só porque tinha espalhados diversos destacamentos com fins bem conhecidos por todos como porque, guarda das instituições, cabia-lhe mantel-as e defendel-as. Não cogitava eu de proclamar a excelência do regime vigente, porque partilhava do septicismo reinante a respeito do mesmo. Mas essa era uma opinião pessoal. Impunha-se antes de tudo, antes de impôr-se um regimen novo à Nação, atônita diante dos acontecimentos, que se operasse um movimento de opinião, seja a livre manifestação dos seus órgãos legítimos de representação ou de elementos de sua elite. Não é compreensível que somente pela fé se aceite uma forma de Governo, que de antemão se não conhece, e é guardada sob sigilo até mesmo para as mais graduadas autoridades. Aliás, inclinado embora à modificação na Carta Magna, eu não me propunha a formular a maneira pela qual a inovação se deveria processar. Eu não me iludo com a imposição de força que ora se faz, imposição de que participam apenas alguns elementos das classes armadas, não a sua grande maioria, pelo que percebo. Contrario por principio aos movimentos subversivos, como revelam os meus antecedentes, e ainda mais, no momento em que as aspirações comunistas e integralista se viriam misturar com as aspirações democrático liberaes, que ainda dominam a consciência da maioria da Nação, eu não desejo arrastar os meus comandados num movimento em torno do seu chefe. Confesso entretanto à V. Excia, que no seio do Exército, eu ouço as opiniões muito divididas a respeito de quanto se articula. É essa uma prova de fraqueza do cometimento que se deseja levar avante, talvez um fermento latente para futuros descontentamentos. Sacrificados no seu papel de instrumento valioso de nossa política externa, pelo abusivo emprego que dele se faz na política interna, o

Exército será a maior vítima do atual movimento. E V. Excia., releve-me que o diga, terá grande responsabilidade no que possa acontecer, porque em V. Excia. o Exército confiava cegamente. Oxalá só advenham glórias para V. Excia e se comprove a minha absoluta falta de visão política. Digne-se V. Excia., dar suas ordens.

De V. Excia subordinado em am^o e adm. Dor General Pompeu Cavalcanti

Ao receber esta carta, Dutra ordenou a prisão do Gen Pompeu, destituiu-o do comando, e o transferiu para a reserva "por conveniência do regime" como ele próprio relatou em suas memórias e repetida em sua entrevista à revista VEJA em 1972.

Textualmente:

"O general Pompeu Cavalcanti enviou-me uma carta em que expõe seu ponto de vista contrário ao movimento. Mandeí prendê-lo e o destituí do comando do Distrito de Artilharia de Costa... Fora esse pequeno incidente, tudo se processou normalmente".

A terceira República estava irremediavelmente implantada e perdurou como uma ditadura até 1945 constituindo-se em um triste episódio, fruto de uma farsa grotesca, que envergonhou toda uma nação.

*** JOSÉ EDUARDO W. DE A. CAVALCANTI** - É engenheiro consultor, diretor do Departamento de Engenharia da Ambiental do Brasil, diretor da Divisão de Saneamento do DEINFRA - Departamento de Infraestrutura da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), conselheiro do Instituto de Engenharia, e membro da Comissão Editorial da Revista Engenharia - E-mail: cavalcanti@ambientaldobrasil.com.br. * *Os artigos publicados com assinatura, não traduzem necessariamente a opinião do Instituto de Engenharia. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.*

@@

PIQUETE DE CAVALARIA
Julio Cesar Gómez

**De repente, o aguaceiro foi chegando,
devagar, frio e fino, com gotas qual agulhas
transpassando corpo e alma,
depois, apertando, transformou-se em temporal.**

**Na frente, comandando, o capitão.
Atrás, o sargento e dois cabos,
resmungando do mau tempo,
e, de soslaio, controlando movimento de cantis.**

**Soldadesca xucra e rude faz manejo da cachaça,
despistando o transporte no cantil dos mais bacudos(1),
mantendo os ladinos(2) no transporte de água pura,
garantindo o imprevisto da revista dos graduados.**

**Pelo aroma e experiência, o sargento vem arisco,
buscando com tenência a audácia dos torunas(3)
que, ladinos como sempre, da intempérie se protegem,
sorvendo de quando em quando um gole da amarela.**

**Mais adiante no arvoredado, sufrenou o capitão,
apeando já passou as rédeas do alazão
ao soldado ordenança, mandando dar a ração,**

de alfafa pelo chão e de milho no bernal.

Ao alto do comandante a tropa se fez parada,
na ordem de desmontar, de pronto todos no chão,
alívio da bagualada(4), cansada de tanto andar,
enfim a hora chegada, podendo então descansar.

Na tropa cavalariana sequer se houve um cochicho,
é sabido que o cavalo vem antes da milicada,
primeiro desencilhar, depois o matungo tratar,
só mais tarde acampar e a ração aproveitar.

As barracas logo armadas e os guardas distribuídos,
grupos servem o comando e o rancho a preparar,
outro trata logo do fogo fazer, pois esfria,
e a noite já caindo, é preciso aquecer.

Encharcadas roupas sujas, num varal para secar,
debaixo dos eucaliptos no fogo a esfumar,
misturando fumaceira com cheiro de carne assada,
ao ranço da milicada e coturnos sem lavar.

Mais tarde a peonada, comida e acomodada,
faz surgir como do nada, na noite negra e molhada,
um violão a bordonear, velhas canções campeiras
na tropa sempre sentida, de china, amor e peleias.

Na ronda dos sentinelas dorme depois o piquete,
sabendo que no amanhã, ao clarear segue a jornada,
no alcanço de alguns reiúnos, que há dias vem seguindo,
com ordens de não deixar que escapem para voltar.

Vão cruzando campo e serra, arroios e caudais,
grotas, banhado e pampa, entreverados em lutas,
na sina do valente, que peleia pelo rio grande,
que um dia de espada erguida se anunciou independente.

(Contribuição do Cel Cav EM Veterano Pedro Paulo Cantalice Estigarribia, o gaúcho mais paraibano que temos no EB)

(1) Bacudo: matuto, caipira.

(2) Ladino: nesta poesia, o mais experiente, malandro, já vivido. Na época da escravidão, o afrodescendente que já sabia falar o português.

(3) Toruna (ou toruno): boi castrado depois de adulto e que conserva o aspecto de touro. Valentão, destemido, corajoso, taura, etc.

(4) Bagual: palavra mal empregada nesta poesia. Bagual é o cavalo chucro, ainda não domado, o que não é o caso dos cavalos militares, de montaria.





Piquete Manuel Luis Osorio, de Cavalarianos do 5º RCMec – Quaraí, RS

FANATISMO

Em 1970, portanto há 23 anos, o Dr. Sérgio da Costa Franco, recentemente falecido, publicou em um jornal de Porto Alegre o texto abaixo. Impressiona por ser atual. Sérgio da Costa Franco era formado em Geografia e História pela UFRGS em 1948 e em seguida em Direito, pela mesma universidade, em 1954. Foi professor de ensino médio de 1947 a 1968, e chefe de comunicação regional do IBGE entre 1949 e 1952. Neste ano fez concurso para o Banco do Brasil, onde trabalhou como escriturário até 1957. A partir daí fez carreira no Ministério Público do Rio Grande do Sul. Foi Promotor de justiça nas cidades gaúchas de Alegrete, Encantado, Quaraí, Soledade, Erechim e Porto Alegre. Foi promovido a Procurador de Justiça em 1976 e aposentado em setembro de 1977. Era Membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e foi seu presidente de 1996 a 1998. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

19-7-70

FANATISMO

Todas as formas de fanatismo são desumanas. Ainda que se digam humanitárias e inspiradas no humanismo. Ser fanático é bitolar a mente e o comportamento dentro de normas rígidas, que se acreditam infalíveis. O fanatismo religioso exclui a possibilidade de acertos e verdades nas outras crenças. O fanatismo político, obediente a um chefe carismático, a um partido supostamente perfeito, a um grupo messiânico, ou a uma ideologia que se acredita isenta de erro, nega todos os adversários, toma-os por perdidos na cegueira ou imbuídos de má fé.

Do fanatismo deriva a intolerância. E desta, um clima de convivência insuportável, que facilmente desliza para a violência.

Depois de muita meditação e experiência, cada vez mais me inclino pela tolerância liberal e pelas formas jurídico-políticas suscetíveis de assegurar o livre debate das idéias, o direito de manifestação e de representação das minorias.

Parto do pressuposto de que, em matéria de ciências morais e sociais, indemonstráveis, ninguém se pode dizer dona da verdade absoluta e definitiva. E, assim sendo, os melhores caminhos só podem ser achados através do debate livre, para se alcançar, a cada momento, a melhor síntese.

O fanatismo anti-islâmico desvirtuou o cristianismo desde as cruzadas. O fanatismo dos jacobinos despertou a reação que geraria a opressão napoleônica. O fanatismo nazifascista desencadeou a mais terrível das guerras; o bolchevique desvirtuou a revolução russa, como o maoísta degradou a insurreição chinesa e o castrista arrastou a rebelião popular cubana a um beco sem saída. Na Argentina, o fanatismo peronista conduziu o país à guerra civil e o anti-peronista, que se seguiu à vitória, também não pôde levar a nada, salvo a uma permanente inquietação política.

O fundamental é não acreditar demais. É duvidar sempre. É acolher como discutível a opinião alheia. E respeitá-la, mesmo que seja a de um fanático. A tolerância esvazia a força dos próprios fanatismos, do que é um exemplo vivo a magnífica Inglaterra.

S. COSTA FRANCO

Hierarquia Militar Brasileira – Exército Imperial e Republicano (evolução)

Fonte: Dicionário de História Militar do Brasil – 1822/2022 (extrato, p. 24/32)

Durland Puppim de Faria - Mestre em História (Universidade Salgado de Oliveira). Cadeira de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

Fernando Velôzo Gomes Pedrosa - Doutor em História (Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Os diferentes graus hierárquicos do Exército Brasileiro são reunidos em dois grupos: oficiais e praças. Os graus hierárquicos dos oficiais são denominados "postos" e os graus hierárquicos das praças são "gradações". Os principais graus hierárquicos durante o Império e a República seguem, de modo geral, o quadro abaixo:

Exército Imperial	Exército Republicano
Soldado	Soldado
Anspeçada	Anspeçada (extinto em 1907)
Cabo de esquadra	Cabo
Furriel	Furriel (substituído pelo 3º sargento em 1908)
2º Sargento	2º Sargento
1º Sargento	1º Sargento
-----	Sargento-Ajudante (desde 1908, extinto em 1942)
-----	Subtenente
1º e 2º Cadetes (título)	Cadete (extinto em 1897)(recriado em 1931)
Alferes Aluno (a partir de 1840)	Alferes Aluno (extinto em 1905)
-----	Aspirante a Oficial (a partir de 1905)
Alferes (Infantaria e Cavalaria)	Alferes (Inf e Cav)(extinto em 1908)
2º Tenente (Artilharia e Corpo de Engenheiros)	2º Tenente
Tenente (Infantaria e Cavalaria)	Tenente (Inf e Cav) (extinto em 1908)
1º Tenente (Artilharia e Corpo de Engenheiros)	1º Tenente
Capitão	Capitão
Major	Major
Tenente-Coronel	Tenente-Coronel
Coronel	Coronel
Brigadeiro	General-de-Brigada (a partir de 1890)
Marechal de Campo	General-de-Divisão (a partir de 1890)
-----	General-de-Exército (a partir de 1946)
Tenente-General	Marechal
Marechal do Exército	Marechal

A Morte do Filho do Visconde de Inhaúma na Guerra do Paraguai

Antônio Carlos de Mariz e Barros (1835-1866), foi um primeiro-tenente da Marinha Imperial Brasileira. Filho do chefe de esquadra brasileira Joaquim José Inácio de Barros e de sua esposa, Maria José de Mariz Sarmiento, Viscondes de Inhaúma.

Estudou na Academia da Marinha do Brasil, ingressando nesta instituição logo depois, tendo atingido a patente de primeiro-tenente.

Mariz e Barros comandou interinamente o iate Paraibano, e efetivamente a canhoneira Campista e as corvetas Belmonte, Recife, e (também) o encouraçado Tamandaré, ganhando destaque no campo de batalha durante a Campanha do Uruguai, onde



realizou uma incursão bem-sucedida em Paysandú e outra contra o forte Sebastopol. Foi condecorado com a Ordem da Rosa após acompanhar o imperador D. Pedro II em sua viagem ao Nordeste em 1859 enquanto comandava uma divisão naval e a corveta Belmonte, e com a Legião de Honra pelo salvamento de uma barca francesa que estava prestes a naufragar sobre as pedras da Fortaleza da Lage.

Com o início da Campanha do Uruguai, Mariz e Barros foi designado para a frente de batalha, ganhando notoriedade ao fazer uma incursão bem-sucedida na praça-forte de Paysandú. Durante esta ofensiva, forneceu defesa, sob ordens de Tamandaré, a Boa Vista. Ele também recebeu o suporte de um destacamento de cem (homens) do Primeiro Batalhão de Infantaria, comandado pelo Tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, montando uma ofensiva novamente bem-sucedida com o alvo sendo o forte Sebastopol.

Fato marcante de sua vida, foi o risco que correu quando se lançou ao mar inteiramente vestido, para salvar uma escrava que se afogava na praia da Itapuca. Casou em 1855 com Raquel Sofia Teixeira, filha de Casimiro Manuel Teixeira e Justina Ifigênia. Tiveram três filhos.

Durante a Guerra do Paraguai comandou em diversas excursões o encouraçado Tamandaré e, no Passo da Pátria, foi ferido no joelho direito, por uma bomba do inimigo, atirada do forte de Itapirú, que entrando por uma portinhola, lhe atingiu dentro da casamata da embarcação. Sem que lhe ouvissem um gemido, arrancou com as próprias mãos a perna, que ficara presa à parte superior. Foi transferido para o vapor Onze de Junho, hospital de sangue da esquadra, onde foi cercado de atenções e desvelos pelo Almirante Tamandaré, e pelo Ministro Francisco Otaviano. Ali no dia 27 de março, teve amputado o resto da perna, ocasião em que recusou o alívio do clorofórmio, ordenou que lhe cortassem a perna e lhe dessem um charuto aceso, o qual fumou tranquilamente durante a amputação.

À meia noite deste dia teve a convicção de que morreria, então recordou sua terra natal, sua esposa e filhos e mandou pelo médico que lhe assistia o recado a seu pai: que ele "soube sempre honrar seu nome". Pouco depois, aos 20 minutos do dia seguinte, expirava.

Na sessão de 16 de novembro de 1874, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em memória de um dos mais distintos oficiais da armada imperial, considerado herói da Guerra do Paraguai, trocou a denominação da Rua Nova do Imperador, no bairro de São Cristóvão, para Rua Mariz e Barros.

Fonte: Vaz, Antonio Alvares Guedes (1866). Apontamentos biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay desde mdccclxiv. [by A. Alvares Guedes Vaz, S.F. de Mendonça and V. Dias].

Contribuição do Cel Cav Luiz Augusto, da AHIMTB/DF.

+++++

Editor:

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com**

Sites:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com